

A Mesa da Palavra explicada

Pároco P. e Vasco Soeiro

Assunção da Virgem Santa Maria – Ano A - 15.08.2026

1ª leitura – Apocalipse 11, 19a; 12, 1-6a.10ab

Salmo – Salmo 44 (45)

2ª leitura – 1 Coríntios 15, 20-27

Evangelho – Lucas 1, 39-56

Assunção da Virgem Santa Maria

Amados cristãos, hoje a solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria. A vida terrena e história de Maria situa-se, como para todos nós, entre dois pontos cronológicos, início e fim, mas que são nela objeto de dois dogmas: a Imaculada Conceição (1854) e a Assunção de Maria ao Céu (1950). Estes dois dogmas constituem dois marcos importantes, intimamente ligados entre si, que consagraram o fervor devocional mariano do nosso tempo. No entanto, a devoção mariana, assim como acontece em toda a vida da Igreja, começa por ser vivida. É precisamente essa fé vivida que se torna norma de fé professada e celebrada. Tudo o que sabemos de Maria é-nos relatado no NT e diz-nos essencialmente que ela ocupou um lugar simultaneamente discreto (porque o NT concentra-se na palavra encarnada Jesus Cristo, sua pessoa e missão) e, ao mesmo tempo, importante (intimamente associada à vida de Jesus, Sua obra e Sua Igreja).

Celebramos o dogma da Assunção da Virgem Santa Maria, que significa que ela foi elevada ao Céu em corpo e alma e encontra-se já ressuscitada e glorificada, tal como Seu Filho e ao lado de Seu Filho Jesus. Se tivermos em consideração que a Igreja demorou mais de 15 séculos até colocar como doutrina estabelecida os dois dogmas de fé relacionados com Maria, verificamos que o mais importante para a vida da Igreja é a vivência, quer dizer: o âmago da fé cristã é sempre o encontro com o Deus criador que se fez carne e nos auxilia com o seu Espírito Santo. Para a Igreja de todos os tempos o que importa é acreditar no «que se verifica de modo sublime na Mãe de Jesus, dando à luz do mundo a própria Vida, que tudo renova. Deus adornou-a com dons dignos de uma tão grande missão; e, por isso, não é de admirar que os santos Padres chamem com frequência à Mãe de Deus «toda

santa» e «imune de toda a mancha de pecado», visto que o próprio Espírito Santo a modelou e d'Ela fez uma nova criatura» (LG 56).

O Evangelho deste grande dia relata o belo episódio da «Visitação» (Lc 1,39-45) seguido do cântico da «Exultação» ou «*Magnificat*» (Lc 1,46-56). Desta perícopes realço duas formas de proceder em Maria, que também elas poderão ajudar-nos a compor a obra da nossa vida num SIM cada vez mais elevado ao Céu: disponibilidade e agradecimento.

Maria, após a anunciação e sabendo que sua prima Isabel estava para ser mãe, não fica enclausurada em si mesma, apesar do que nela estava a acontecer fosse digno de ser celebrado. Pelo contrário, Maria sai de si mesma e vai ao encontro de sua prima, mostrando uma disponibilidade interior que continua a **provocar-nos** hoje. A pergunta que cada um deve fazer a si mesmo: eu sou o centro do mundo ou são os outros o mais importante do mundo? O Papa Francisco afirmou incansavelmente que desejava ver uma Igreja em saída. Ora, para que isto aconteça, eu, tu, nós todos temos de ser essa igreja em saída, que procura as periferias existenciais. Por outras palavras, procuro que o outro seja no máximo das suas potencialidades humanas, intelectuais e espirituais.

Depois de Maria ter corrido e ultrapassados os montes, saúda a sua prima Isabel que exclama: «Bendita tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre». E qual foi a reação de Maria diante de tanta palavra dirigida à sua pessoa: Maria canta o belo hino de louvor ao Senhor - «a minha alma glorifica o Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador, porque pôs os olhos na humildade da sua serva: de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: Santo é o seu nome».

Eu tenho muita dificuldade em receber agradecimentos. Ao expô-la ao meu diretor espiritual recebi dele um conselho que partilho convosco. Disse-me ele: quando te enaltecere por algum motivo, dirige esse agradecimento para Deus e sentir-te-ás livre de todas as vaidades deste mundo.

Passados alguns anos deste conselho e dirigindo o meu olhar para Maria vejo que ela nos ensina precisamente isto: tudo vem de Deus e para Ele deve ser direcionado.

Deste modo, «as várias formas de piedade para com a Mãe de Deus, aprovadas pela Igreja, dentro dos limites de sã e reta doutrina, segundo os diversos tempos e lugares e de acordo com a índole e modo de ser dos fiéis, têm a virtude de fazer com que, honrando a mãe, melhor se conheça, ame e gloria fique o Filho, por quem tudo existe (cf. Col. 1, 15-16) e no qual “aprouve a Deus que residisse toda a plenitude” (Col. 1,19), e também melhor se

cumpram os seus mandamentos. E os fiéis lembrem-se de que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa mãe e a imitar as suas virtudes» (LG 66-67).